

O BESTEIROL DOS 500 ANOS EM POUCAS PALAVRAS

João Ubaldo Ribeiro

Levando-se em conta nossa pitoresca realidade, até que a quantidade de besteiras dita e escrita sobre o controvertido aniversário do Brasil não dá para surpreender. O que chateia um pouquinho é que diversas dessas besteiras continuarão a perseguir-nos pela vida afora, algumas talvez trazendo conseqüências indesejadas. A principal delas, naturalmente, é a de que o Brasil começou em 1500, quando nem mesmo no nome isso aconteceu, posto que éramos uma ilha quando os portugueses primeiro viram as terras daqui e, durante muito tempo, o Brasil que duvidosamente existia não tinha nada a ver com o Brasil de hoje.

A impressão que se tem é que, do povo às autoridades e mesmo aos entendidos, acha-se que o Brasil já estava no mapa, com as fronteiras e as características atuais, no momento em que Cabral chegou. Teria até um nome nativo, já proposto pelos mais exaltados, para substituir "Brasil": Pindorama, designação supostamente dada pelos índios ao nosso país. Não sou historiador, mas também não sou tão burro para acreditar que os índios tinham qualquer noção geopolítica, ou alguma idéia de que pertenciam a um "país" chamado Pindorama. Não havia qualquer país, é claro, nem sequer a palavra Pindorama devia fazer sentido para os ocupantes que os portugueses encontraram aqui, se é que ela era usada mesmo. No máximo, significaria o único mundo conhecido deles. Parece assim que os nossos índios administravam impérios e cidades como os dos maias, astecas ou incas, quando na verdade, que perdura até hoje, viviam neoliticamente

e a maioria esgotava os numerais em três – era o máximo que conseguiam contar e o resto se designava como “muito”.

Como corolário disso, vem a tese de que fomos invadidos. Com perdão da formulação pouco ortodoxa da pergunta, quem fomos invadidos? Todos nós, salvante os mais ou menos 400 mil índios que sobraram por aí, somos descendentes dos invasores, inclusive os negros, que não vieram por livre e espontânea vontade, mas também não viviam aqui na época de Cabral e hoje constituem parte indissolúvel de nossa, digamos assim, identidade. Imagino que haja quem pense que, diante de uma delegação portuguesa, algum diplomata ou general índio tenha argumentado que se tratava da ocupação ilegal de um Estado soberano do Oiapoque ao Chuí e que aquilo não estava certo, cabendo talvez a intervenção das Nações Unidas.

Se a História tivesse tomado rumos um pouquinho diferentes, nossa área hoje podia estar subdividida em vários países diferentes, uns falando português, outros espanhol, outros holandês, outros francês. Do Tratado de Tordesilhas às capitânicas hereditárias, aos movimentos separatistas e à ação do Barão de Rio Branco, muita coisa se passou para que nos tenhamos tornado o Brasil que somos hoje. Ninguém chegou aqui e descobriu o Brasil já pronto e acabado (se é que podemos falar assim mesmo agora), isto é uma perfeita maluquice. O Brasil, é mais do que óbvio, se construiu lentamente e às vezes aos trancos e barrancos.

Compreende-se que nativos de países como o Peru, o México e outros, notadamente da América Central, se sintam invadidos. Até hoje são numerosos e discriminados, muitos nem falam espanhol e, quando aportaram os conquistadores, tinham cidades maiores do que as européias. Mas nós? Quem, com a notável exceção do amigo pataxó e da jovem senhora xavante que ora me lêem, foi aqui invadido? Vamos supor, já jogando no terreno da absoluta impossibilidade, que o chamado mundo civilizado ignorasse a existência destas terras até hoje. Teríamos aqui, não o Brasil, mas uns quatro milhões de nativos de beijo furado e pintados de urucu e jenipapo (nada contra, até porque furamos as orelhas, nos tatuamos e usamos baton, é uma questão de estilo), que não falavam as línguas uns dos outros, matavam-se entre si com alguma regularidade e cuja tecnologia não seria propriamente da era informática. Brasil mesmo, nenhum.

Mas está ficando politicamente correto, suspeito eu que por motivos incorretíssimos, abraçar a tese da invasão do Brasil. “Nós fomos invadidos, fomos invadidos!”, grita em português brasileiro, a única língua que sabe, um manifestante mulato, em Porto Seguro. Será possível que não se perceba a vastidão dessa sandice? Daqui a pouco – e aí é que mora o

perigo – entra na moda de vez e os resquícios das nações indígenas que ainda subsistem deverão aspirar à soberania sobre os territórios que ocupam. Como na Europa Oriental, cada etnia quererá ter seu estado e sua autonomia, com bandeira, hino, moeda (dólar, para facilitar) e passaporte. Que beleza, formar-se-á por exemplo, depois de um plebiscito entre os índios, o Estado Ianomâmi, completamente independente e ocupando a área bem maior do que muitos outros países do mundo juntos, reconhecido pelas organizações internacionais e protegido pelo grande paladino da liberdade dos povos, os Estados Unidos, que mandariam missionários e ajuda econômica e tecnológica e, desta forma, investiriam desinteressadamente numa área tão pobre em recursos econômicos e que tem pouca cobiça desperta, como a Amazônia. E, se protestássemos, a Otan bombardearia o Viaduto do Chá, a Ponte Rio-Niterói e o Elevador Lacerda, como advertência.

Cometeram-se e cometem-se crimes inomináveis contra os índios, que devem ter seus direitos assegurados. Também se cometeram e cometem crimes contra a grande parte dos brasileiros não-índios, outra vergonha que precisa ser abolida. Mas isso não tem nada a ver com a tal invasão, assim como a outra série de besteiras intensamente veiculada, segundo a qual, senão houvéssemos sido colonizados pelos portugueses, estaríamos em melhor situação, assim como estão em melhor situação a antiga Guiana Inglesa, o Suriname, a Indonésia, a Nigéria, a Somália, o Sudão e um rosário interminável de ex-colônias européias, quando na verdade se trata de um caso claro de o buraco achar-se bem mais embaixo. Como é que se diz “babaquice” em tupi-guarani? (*O Globo*, 23/04/2000)

EM POUCAS PALAVRAS

Espero que agora o ano comece e estejam acabando as folias do Descobrimento (ou achamento, ou invasão, ou o que queiram a distinta senhora e o prezado amigo que ora me distinguem com sua atenção; cartas para o editor, pelo amor de Deus). Estive pensando e acho que pelo menos alguém saiu ganhando com todo esse festival de trapalhadas: os portugueses. Depois de tanta conversa fiada sobre como teríamos sido felizes para sempre, se os portugueses não houvessem aparecido aqui, ficou provado que, sem eles, não começaríamos nada. Segundo vi nas gazetas, a réplica da caravela de Cabral, que eles construíram pela metade do preço da nossa, chegou direitinho, atravessando o Atlântico, e a nossa nem conseguiu sair de Salvador para Porto Seguro. Quer dizer, se dependesse de nós, ninguém ia dar um jeito de chegar aqui. A nossa caravela vai virar museu e acredito que os visitantes serão obrigados a

usar coletes salva-vidas. Claro que vai aparecer um engraçado dizendo que o acontecido deveu-se ao fato de que a nossa foi construída por portugueses e a deles por brasileiros. Mas a verdade é que não foi e seremos forçados a reformular alguns conceitos. Isto é que é revisionismo de primeira qualidade.

Mas ainda sobram uns rescaldos para cuidar. Eu, por exemplo, sofri bastante, porque abandonei, espero que definitivamente – eis que dá muito trabalho e a Associação Brasileira dos Maridos de Pé-Atrás me declarou *persona non grata* – minha condição de sexólogo, para reassumir a não menos ingente posição de brasileiro. É um problema delicadíssimo, porque envolve a grave questão de nossa imagem no exterior. Continuamos, como ninguém ignora e a imprensa não deixa passar nada, preocupadíssimos com a nossa imagem no exterior. Qualquer estrangeiro debilóide da idéia que diz alguma coisa sobre o Brasil, até mesmo que considera feijoada um prato abominável, merece manchetes envergonhadas e penitentes.

Lembro que um desses elaborou e achou que provou, faz alguns anos e pelos jornais, a tese de que nós padecemos de infantilismo e dependência materna coletiva, porque temos o hábito de nos dirigirmos uns aos outros pelo primeiro nome. Coisa, dizia ele, de quem não saiu da infância. O jornal que publicou essa pérola sócio-freudiana aparentou enorme embaraço e não creio impossível que o diretor de redação tenha passado uma instrução para que todos, daí em diante, largassem as chupetas e passassem a se tratar pelos sobrenomes. Claro, nos Estados Unidos, até os presidentes são tratados, não pelos primeiros nomes, mas pelos apelidos, o que indicaria ainda maior infantilismo, mas eles têm a bomba atômica e é perigoso brincar com criança que tem a bomba atômica.

Como já se disse aqui, o Brasil não desfruta propriamente de uma imagem. Ninguém lá fora pensa no Brasil e, quando pensa e é erudito, cita Pelé, Ronaldinho e Carmen Miranda. Que mais? Sim, nossas mulheres andam todas sem nada por baixo dos vestidos curtíssimos e decotadíssimos que relutantemente envergam e vão para a cama com o primeiro que as convida para um misto-quente e um suco exótico, como de mamão, por exemplo. Todo o dia, antes de sair, o cidadão do Rio de Janeiro, ou Bogotá, que é a mesma coisa, checa quantas criancinhas foram metralhadas em seu quarteirão no dia anterior, ri satisfeito, toma uma dose dupla de soro antiofídico, revacina-se contra a peste bubônica e pega as pistolas para matar índios e assaltantes antes de chegar ao ponto de pitorescos ônibus movidos a lenha. A língua falada possui um vocabulário (nisto até que nós nos esforçamos para colaborar, vamos fazer justiça, a Barra da Tijuca, que não me deixa mentir, está aí mesmo, pois, se não fosse por ela, a

língua inglesa perceria) de 260 palavras e não se presta a nada mais do que tartamudear para pedir comida, dinheiro e sexo.

Causa grande escândalo, entre estrangeiros de modo geral, a alegação de que, no Brasil, além de contarmos com energia elétrica e termos alguns médicos, escrevemos, por exemplo, livros de filosofia. Aliás, pensando melhor, causa escândalo que escrevamos qualquer coisa, a não ser denúncias contra as injustiças sociais, e já fui xingado por fazer romances, quando deveria estar participando de guerrilhas na Amazônia, única atividade aceitável para um brasileiro decente. Na verdade, todos vivemos na Amazônia, onde, entre casquinadas dementes, derrubamos as árvores para depois queimá-las e ficamos dançando à roda das fogueiras, enquanto matamos nossos últimos elefantes, rinocerontes, crocodilos e cangurus.

Antigamente, eu ia nessa e ficava fazendo força para agir do jeito que os jornalistas estrangeiros sempre querem: explicar o Brasil ao público da terra deles, em poucas palavras. Rematada burrice, de que, graças a Deus, a idade me fez livrar-me. Remar contra a maré, por quê? Se a gente disser o que eles não estão a fim de ouvir, nada sai publicado. Aí eu fico procurando adivinhar o que convém aos leitores de lá e raramente falho. Outro dia mesmo, voltei da Amazônia e, depois de me curar da malária, tentei gastar toda a fortuna que amealhei em esmeraldas gigantes, mas fui obrigado a entregar tudo aos seqüestradores. Os jornalistas ficam felicíssimos e eu também, porque deixam de encher minha paciência. A imagem do Brasil pelo menos não piora e contribuo caridosamente para a felicidade deles, que não têm problema nenhum e uma guerrinha mundial de vez em quando, ou senão o bombardeio de cidades inteiras, não quer dizer nada. O último foi um italiano muito simpático, que ouviu tudo o que desejava. Na saída, despedi-me amavelmente.

– Quando voltar a Genebra me mande um cartão – disse eu.

– Mas Genebra não fica na Itália – disse ele.

– Vocês, italianos, são uns pândegos – disse eu. – Você pensa que brasileiro é ignorante? A *bientôt* e coma um chucrute à bolonhesa por mim, hem? (*O Globo*, 07/05/2000)